

A poesia de Murilo Mendes em diálogo com a Palavra de Deus

The poetry of Murilo Mendes in dialogue
with the Word of God

*Celia Soares de Sousa**

Resumo: A presente reflexão pretende promover um diálogo entre Literatura e Teologia. Da Literatura destacaremos a poesia de Murilo Mendes (1901-1975). A poesia de Murilo Mendes que abundantemente trata de Deus, da Palavra de Deus, da religiosidade, do cristianismo e da Pessoa de Jesus marcou a temática humana a partir da abordagem pelo universo literário.

Palavras-chaves: Teologia e Literatura; poesia; cristianismo; Palavra de Deus.

Abstract: This reflection is intended to promote a dialogue between literature and theology. Literature will highlight the poetry of Murilo Mendes (1901-1975). The poetry of Murilo Mendes abundantly deal with the question of God, the Word of God, of religiosity, of Christianity and the person of Jesus which marked the human subject from the approach by the literary universe.

Keywords: Theology and Literature; Poetry; Christianity; Word of God.

* Mestra em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade de São Paulo desde 2013. Atua como professora na Formação Teológica PUC-COGEAE Ipiranga/SP e Escola de Ministérios Padre Fernando de Brito – Diocese de Guarulhos.

Introdução

A Teologia, enquanto ciência, se vê desafiada a apresentar ao mundo a Revelação de Deus, que se tornou Palavra e veio morar no meio de nós. Quando em diálogo com outros saberes, além de enriquecer-se, ela terá um descortinar-se de possibilidades para deixar Deus mais próximo da realidade humana.

Mas, por que relacionar Teologia e Literatura? A Literatura é uma arte. E todo artista quer comunicar algo à pessoa em seu contexto, a partir do seu mundo, das suas experiências. Toda obra literária afeta a pessoa, ou seja, propõe, questiona, emociona, faz vibrar, ou simplesmente a leva a se identificar de alguma maneira com a obra. Estes aspectos interessam à Teologia, especialmente a uma Teologia que pretende se colocar em diálogo permanente com o ser humano; dar atenção às suas indagações de fé, de mundo, de futuro, e fazer com que também as artes, e por que não também a Literatura, contribuam para a sua realização como pessoa. A literatura fala do humano e tem se revelado, portanto, uma aliada da Teologia na sua tentativa de responder aos anseios do homem.

O teólogo tem o dever de conhecer a Palavra de Deus e a realidade do mundo, essenciais para poder apresentar ao homem de hoje uma proposta que não é sua, mas de Deus. O campo de ação da Teologia é o mundo, pois todo o universo é criação de Deus. Neste sentido, enquanto ciência, nada mais natural que dialogue com as demais ciências que habitam essa “casa comum”. De modo particular, a Teologia presta um serviço à Igreja e contribui com a reflexão sobre Deus e sua presença na história humana, enquanto a Literatura, como arte, trabalha com a palavra escrita, e está presente em todos os escritos teológicos, inclusive na própria Bíblia, com seus vários gêneros.

O poeta sedento da Palavra

Murilo Mendes faz parte de um grupo de intelectuais que, na década de 30, encontraram no cristianismo a resposta para a crise econômica, política e ideológica que o mundo atravessava. Sua poesia

com características do cristianismo mantém-se de mãos dadas com a realidade.

O poeta mineiro comunicou por meio de seus poemas a reviravolta que o encontro com Cristo provocou em sua vida. A poesia muriliana é resultado do encontro do universo literário com uma mística cristã encarnada, que foi capaz de subverter o modo de o poeta comunicar sua arte, considerando que o que se esperava dele era uma arte literária mais voltada aos problemas de seu tempo - o início do século XX. E Murilo Mendes fez da poesia uma arte dinâmica, soube expressar em seus poemas tanto a memória da sua infância como o momento atual que vivia à luz do Evangelho.

Desde menino Murilo Mendes contempla o mundo desumanizado e se solidariza com as suas dores. A dura realidade o faz refletir, e, mais do que se sensibilizar com ela, assume a função de denunciar o caos através da escrita, mas justifica: “o olho armado me dava e continua a me dar força para a vida”. Enquanto outros poetas buscavam as primeiras páginas das revistas, ele entendeu que poderia buscar a sua sustentação em Deus. “Deus passou a ser para mim não o corregedor moral, o severo guardião da lei, mas o Ser infinitamente variado na sua unidade (...) único ator que não repete diariamente seus papéis”. (is 172) Esse olhar do humano como uma relação íntima com o sagrado nas obras de Murilo Mendes permite-nos buscar extrair uma antropologia contida em sua obra.

Nas obras de Murilo Mendes a linguagem religiosa cristã é sempre recorrente. Percebe-se, em grande parte dos seus poemas, a inspiração no Verbo de Deus Encarnado, de quem apreende a Poesia Máxima.¹ Não é de se estranhar que as poesias do período de 1930-1950 buscavam expressar, de forma mais densa, a verdade humana ou social de cada artista, fato que levou alguns poetas modernos a entenderem a arte de fazer versos como uma atividade de caráter religioso, conferindo à poesia a temática religiosa, especificamente a do pensamento cristão-católico.

¹ SILVA, Francis Paulina In: MORI, Geraldo De; SANTOS, Luciano & CALDAS, Carlos.(orgs.). *Aragem do Sagrado. Deus na Literatura brasileira contemporânea*. São Paulo: Edições Loyola, 2011. p. 115.

É célebre a afirmação de Manuel Bandeira ao apreciar as poesias do autor de “As Metamorfoses”: “Murilo Mendes é um dos quatro ou cinco bichos-de-seda da nossa poesia, isto é, os que tiram tudo de si mesmos.”² A aproximação de Murilo com o Cristo companheiro e o Cristo da Escritura deixa entrever em seus poemas o interesse em aprender do Cristo o Caminho e a Vida. Para Murilo, “O espírito de Emaús é o espírito de companheirismo com o Cristo” (dE 746),³ e “Ser amigo é repartir a vida” (dE 746). Desta forma, em seus poemas, ele expõe o que experimentou ao aprofundar no conhecimento da Escritura: “A vida da Escritura consiste Nele (na pessoa de Cristo), desde a primeira palavra do Genesis até a última do Apocalipse”. (dE 232)

“Tirar tudo de si mesmo” faz alusão ao Cristo Crucificado na experiência de esvaziamento para servir mais a Deus. Murilo é um poeta que, na busca da Verdade, de poeta essencialista para católico convertido e fervoroso, se encontrará criando uma nova linguagem religiosa – a poesia com profundos traços antropológicos e religiosos.

Tudo na arte de Murilo Mendes remete ao humano e ao divino; o poeta tinha claro que falar do humano sem afirmar o que de divino nele existe é negar a sua existência a partir da concepção de Deus. A conversão ao catolicismo foi fundamental para uma “virada” não só à religião católica, mas a uma aproximação maior com a Palavra de Deus. Atraído pela espiritualidade cristã, ele se entrega a uma relação íntima de amizade com o Cristo, e a partir deste encontro imprime em seus poemas expressões tão belas e profundas do ponto de vista da fé. Murilo Mendes aproximou Deus da poesia. O poeta entende que é neste mundo que a pessoa deve crescer, encantar-se e espalhar a beleza e, por isso, conclama a todos a reconhecer a grandeza de Deus para não se deixar corromper pelas situações de desânimo, injustiças e de morte. Entende que precisamos de Deus para ser mais humanos, por isso é necessário falarmos de Jesus, da Palavra de Deus, vivermos

² BANDEIRA, Manuel. *Apresentação da Poesia Brasileira* In: *Poesia Completa e Prosa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1990. pp. 630-631.

³ Nota de esclarecimento: Para referir-me às obras de Murilo Mendes – O discípulo de Emaús (dE) e A idade do serrote(is), utilizarei as siglas **dE** seguida do número do aforisma, e **is** seguido do número da página.

e seguirmos seus ensinamentos. Diz Murilo: “Se não nos elevamos, o peso do mundo nos esmagará”.

Em 1945 torna-se visível a aproximação do poeta com a passagem neotestamentária do evangelho de Lucas. Murilo Mendes escreve o poema “Emaús” e a obra “O discípulo de Emaús”, deixando transparecer que faz experiência semelhante à relatada no texto bíblico em que aquele forasteiro, que vai abrindo os ouvidos e depois os olhos, se toma como o discípulo de Emaús.

Escrita em prosa, a obra *O discípulo de Emaús*, através de suas comparações, indica mais semelhanças que diferenças entre o religioso cristão e o poético. Murilo Mendes demonstra que o caminho proposto pelo Cristo é o que há de melhor a ser anunciado e a ser seguido. Para ele, “o espírito de Emaús é o espírito de companheiro com o Cristo” (dE 234).

Na obra “A idade do serrote”, a grande parte dos capítulos recebe como título o nome de pessoas com as quais Murilo Mendes teve algum tipo de relação e que, de alguma forma, contribuíram para seu percurso existencial, semelhança possível com os livros bíblicos sagrados intitulados com nomes próprios de pessoas que marcaram a vida do povo da Bíblia e se comprometeram com o projeto de Deus.

Importante relação se observa porque, ao falar do outro, o autobiógrafo fala de si mesmo, ou seja, o outro é um espelho: desvelando o outro, desvela-se a si mesmo. Outro aspecto diz respeito à importância do outro no percurso poético de Murilo Mendes. Não resta dúvida de que o amadurecimento do sujeito se dá no contato com o outro; esse processo fica evidente na organização do relato. A aproximação entre o que nos sugere a obra muriliana e os objetivos da Teologia nos remete à Revelação. Deus, ao se revelar ao humano, mostra um caminho de vida.

No poema *Dudu*, o poeta faz uma aproximação com a parábola do Bom Samaritano em Lc 10,25-37. Ao sair para passear, o pai encontra um mendigo ameaçado por três meninões. O pai de Dudu, o senhor Onofre, liberta e adverte os agressores: “Tratem de respeitar o próximo, estão ouvindo? Este homem, como vocês, como qualquer outro, foi criado à imagem e semelhança de Deus”. (Is 34) A preocupação do autor visa à transformação do ser humano. Do ponto de

vista antropológico, a poesia de Murilo Mendes apresenta a denúncia de uma sociedade que trata o ser humano com profundo descaso: “O destino e a sociedade reduziram Dudu ao estado vegetal animal. Não chega a ser um corpo, não chega a ser uma fisionomia; é um resto de pessoa, um resto de roupa, um resto de nome. Saberá ler? Não, a fome é sempre analfabeta”. (is 34)

Dudu como personagem, pode ser relacionada com a figura de tantos homens e mulheres a quem o destino lhes reservou uma vida ingrata. Murilo chama a atenção em sua poesia que a vida das pessoas não poderia jamais estar reduzida ao estado vegetal animal e reflete sobre o mundo em caos, onde seres iguais, semelhantes a Deus, recebem tão diferentes destinos. Para o poeta, independentemente da nacionalidade, os pobres, os loucos e os desvalidos ocupam uma posição marginal.

Palavra de Deus: presente na poesia e na história

O anúncio do cristianismo é afirmar Jesus Cristo como o Logos, aquele se encarnou e veio habitar neste mundo, a fim de que todos conheçam o rosto de Deus. A Palavra que se faz carne (Jo 1,1) comunica, interage, emociona e transforma. Gutiérrez afirma que “Comunicar essa alegria é evangelizar. Trata-se de transmitir, comunitária e pessoalmente, a Boa-Nova do amor de Deus que se transformou em vida”. A teologia, disposta a prestar este serviço na proclamação do Reino de amor e de justiça, aponta na Palavra de Deus o centro da missão do cristão, por ser esta que revela Deus presente na história.

A Palavra de Deus é promessa e realização, por isto, a teologia afirma que ela é cristocêntrica. Em Jesus, o Verbo, a Palavra encarnada, realiza-se a promessa de vida, pois a Palavra é viva. *A Dei Verbum n° 4* não só diz que Deus se revelou em Cristo, mas que ele é a Revelação por ser ao mesmo tempo revelador e revelado. Ele é e realiza a Revelação, isto é, a salvação. “Consuma a obra salvífica que o Pai lhe confiou”, a saber: “que Deus está conosco para libertar-nos das trevas do pecado e da morte e para ressuscitar-nos para a vida eterna”.

A Escritura Sagrada afirma que é no humano que Deus se revela, por este motivo compreendê-lo bem é exigência para se compreender

a Revelação. Para a obra muriliana, falar da criação e da presença de Deus é revelar um Deus livre, criativo, presente e apaixonado pelo ser humano, e que, através deste humano, se revela. Este aspecto permite-nos afirmar que “o humano expresso pela literatura poderá ser, então, o revelador de Deus, e a teologia que daí decorre se constituirá em relação com o literário”.⁴

Murilo Mendes demonstra em seu poema a necessidade de tirar do papel o aprendizado da Palavra, a necessidade do ser católico e deixar-se mover pela novidade de Deus, de fazer a experiência do encontro com o Cristo ressuscitado e Nele e a partir dele tornarmo-nos melhores pessoas, para que o mundo seja um lugar melhor para se viver, sempre no seguimento a Jesus: “Essa pequena aldeia de Emaús é a tenda da catolicidade, onde aprendemos a compreender tudo o que é útil ao aperfeiçoamento do nosso espírito. Passamos a perceber a totalidade e a universalidade da Pessoa de Cristo, e que a vida da Escritura consiste Nele,⁵ desde a primeira palavra do Gênesis até a última do Apocalipse”. (dE 232)

A mudança de comportamento que se espera de um cristão, para Murilo Mendes, é motivada “pela palavra de Jesus Cristo que brota tanto do Evangelho como do nosso coração” (dE 543) quando o humano se abre e se permite acolher o Evangelho, que, para o poeta, “antes de ser escrito foi encarnado, vivido, sentido, comunicado, crucificado e ressuscitado”. (dE 547)

Jesus como companheiro de jornada

Murilo expressa a pessoa de Jesus como amigo, como companheiro. Para ele, “ser amigo é repartir a vida” (dE 746). Retomando o texto bíblico, encontramos no evangelho de São João a palavra de Jesus que diz: “Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que seu senhor faz; mas eu vos chamo amigos, porque tudo o que ouvi

⁴ MANZATTO, Antonio. *Teologia e Literatura: reflexão teológica contida a partir dos romances de Jorge Amado*. p. 41.

⁵ VD, 7 – “A expressão “Palavra de Deus” acaba aqui por indicar a pessoa de Jesus Cristo, Filho eterno do Pai, feito homem”.

de meu Pai eu vos dei a conhecer” (Jo 15,15). Ele também se mostrou atento ao Cristo Pobre: “Poucos poetas, em todos os tempos, terão compreendido e amado tão bem o Cristo como Pobre” (dE 677). A pessoa de Jesus de Nazaré a partir dos textos bíblicos nos é apresentada como uma pessoa obediente ao Pai (Jo 6,38), ativa e constantemente em defesa da vida (Jo 10,10). Sua missão é sempre em favor dos menos favorecidos (Lc 4,18-19), tem compaixão com os que sofrem, com os maltratados, com os abandonados à beira do caminho (Lc 10,25-37), pois entende que a vida é dom e graça de Deus e deve ser vivida de forma digna. Afirma que serão benditos os que acolherem os estrangeiros, sem roupa, sem comida e sem casa, e malditos os que não fizerem nada para um de seus irmãos (Mt 25,31-46). O “Cristo Pobre” assumiu as dores da humanidade para resgatá-la de todo mal. Em outras palavras, para Murilo, “O Cristo não tem personalidade. Ele a abandonou para desposar toda a humanidade. Ele é uma Pessoa” (dE 642). Murilo Mendes, diferentemente dos poetas do seu tempo, se permite experimentar a beleza e o Amor do Cristo e o evoca em suas poesias, contemplando a Criação, a pessoa, o Criador-Deus, e o entrelaçamento dessas realidades.

Na Bíblia encontramos narrativas de Marcos (8,29) e Mateus (16,15) que se caracterizam por mostrar Jesus, antes do anúncio a seus discípulos de sua paixão iminente, fazendo-lhes a seguinte pergunta decisiva: “E vós, quem dizeis que eu sou?” Neste diálogo, dirão para Jesus que “alguns o consideram João Batista, Elias ou alguns dos profetas”. Mas a profissão de fé vinda de Pedro irá confirmar a missão de Jesus: “Tu és o Cristo o filho do Deus vivo” (Mt 16,16). Jesus, ao revelar o mistério do Pai, assumindo sua missão como Filho, apresenta o Caminho de uma vida em que todos são amados; em que aqueles que não têm poderão viver com dignidade, poderão ser chamados de filhos; os frutos do trabalho serão acolhidos pelo Pai; os erros serão perdoados; e todos os que fizerem a vontade do Pai poderão fazer parte desta grande família.

Ele, que aprendeu do Pai o Caminho, a Verdade e a Vida, revela e convida cada pessoa a fazer a experiência de trilhar o caminho de realização. Desta forma, a cristologia remete não apenas a uma “teoria sobre como deveria ser a vida do Filho de Deus, mas ela parte de

Jesus, Filho de Deus encarnado na história e na condição humana”.⁶ A mensagem de Jesus implica compromisso de transformação social, busca da realização da justiça para os pobres e para toda a criação, torna-se vital o conhecimento da Pessoa e do testemunho de Jesus Cristo. A prática que se espera de um cristão é baseada no Projeto que Jesus anunciou: Ele chamou de Reino de Deus, que é para todos, ricos e pobres e para pessoas de todas as religiões.

A mística cristã, portanto, não poderá estar desligada do mistério e da comunhão com o divino, que se realiza no humano, especialmente nos mais necessitados. A realização efetiva da promoção e dignidade humana é pressuposto para uma espiritualidade que permita ver no rosto de cada irmão a alegria de viver. Fazer com que a vida transcorra de forma plena é missão dos que vivem as dimensões da mística cristã, capaz de “ver além das aparências” (1Sm 16,7) aquilo que Deus tem a oferecer à humanidade.

Pai Nosso e *Meu Pai*

A revelação que “Deus é amor” (1Jo 4,8) foi manifestada pelos atos e palavras de Jesus. Ela foi de tal modo vivenciada para que outros também pudessem acolher em sua vida o amor oferecido incondicionalmente por Ele a todos, em todo o tempo, na integridade do ser delas. Assim como Ele nos chama, quer também que permaneçamos no seu amor, aponta exigências e garante alegria plena, o que, para a Teologia, é a salvação.

Diante de tantos caminhos que o ser humano pode escolher – e a escolha também é dom de Deus, na liberdade –, Ele quer que se escolha a “melhor parte” (Lc 10,42), ou seja, que o ser humano esteja disponível, aberto a aceitar sua proposta de ação salvífica e a se comprometer no seguimento de Jesus. Na escuta dos ensinamentos de Jesus, a comunidade dos discípulos mostrou que uns poucos lhe eram fiéis, enquanto outros escolheram seguir por outro caminho, até

⁶ MANZATTO, Antonio. *Teologia e Literatura: reflexão teológica contida a partir dos romances de Jorge Amado*. p. 230.

mesmo deixar para trás a garantia da vida eterna para continuarem apegados a seus bens (Mt 19,16-22). Jesus falava com clareza sobre as renúncias e sobre a solidão que seus seguidores poderiam encontrar no Caminho, porém, apontou a certeza de estar presente para toda a eternidade com aqueles que escolheram permanecer com Ele (Mt 28,20).

O Concílio Vaticano II, em sua Constituição Dogmática *Gaudium et Spes*, põe no centro da concepção cristã do homem a condição de ser criado à imagem e semelhança de Deus. Evidencia a capacidade humana de conhecer e amar o Criador, a capacidade de relacionar-se com Deus, de entrar em comunhão com Ele. A isso se soma o que diz o nº 12 dessa mesma Constituição: “A Sagrada Escritura ensina que o homem foi criado ‘à imagem de Deus’, capaz de conhecer e amar o seu Criador, e por este constituído senhor de todas as criaturas terrenas, para as dominar e delas se servir, dando glória a Deus” (GS 12). Além de ser criada à imagem e semelhança do Criador, a criatura humana é “a única criatura sobre a terra, querida por Deus por si mesma” (GS 24).

Para compreender a Palavra e as ações de Jesus, é preciso conhecer o rosto que Deus-Pai apresenta. Através de Jesus é possível conhecer melhor o Pai. Como ele disse, “Ninguém vai ao Pai senão por mim” (Jo 14,6) e “Eu e o Pai somos um” (Jo 10,30). Por sua unidade com Deus, Ele revela o Deus verdadeiro.

Um alimento para fortalecer a fé e a comunhão com Deus é a oração. É por ela que Deus nos concede generosamente e em abundância a sua graça e nada nos nega se o pedirmos. O maior exemplo de como viver em oração vem do próprio Jesus. Aos 12 anos deixa pai e mãe para orar no Templo de Jerusalém (Lc 2,41-52); durante o batismo, ora (Lc 3,21); antes de iniciar a vida pública procura a solidão para entregar-se a Deus. Em várias passagens na Bíblia vemos um incansável caminhante em oração. Ficou em oração até o fim. Na condição de homem, Jesus teve medo e, por um instante, implorou ao Pai que afastasse dele o cálice, para depois entregar-se aos seus desígnios. Passou seus angustiantes momentos na Cruz em oração. E mesmo quando vê Maria e João ao pé da Cruz, o bom ladrão, quando pede perdão pelos seus algozes, deixa de lado sua dor e ora pela humanidade que representam.

Ao ensinar aos seus discípulos a mais bela oração, Jesus tirou Deus da posição de justiceiro implacável e lhe conferiu um caráter amoroso de pai, derrubou qualquer convenção e revelou-nos um Deus próximo e disposto a nos ouvir como filhos que somos. Santo Agostinho, depois de ter mostrado como os Salmos são o alimento principal da oração cristã e convergem para as petições do Pai-nosso, conclui, referindo-se à oração do Pai-Nosso: “Percorrei todas as orações que existem na Sagrada Escritura; não creio que possais encontrar uma só que não esteja incluída e compendiada nesta oração dominical”.

Na Bíblia, encontramos citada a expressão Pai/pai 1288 vezes, o que demonstra a importância da relação paterna, seja Deus, o Pai, seja o pai da família humana. Quando chama Deus de *Pai-nosso* (Mt 6,9), Jesus inclui todos na sua família, doa a todos a condição de participar dessa realidade: ter um Deus como nosso Pai. Portanto, ninguém é órfão, pois Deus é aquele que abraça e acolhe a todos. Ele é Santo, e Santo é seu nome. Ora, se o Pai é santo e acolhe a todos como filhos, logo todos são chamados à santidade (Mt 5,48). Assim todos podem vivenciar a alegria de caminhar com Jesus e descobrir no caminhar de cada dia a vontade do Pai.

Jesus ensina a pedir o pão e o perdão e a não desanimar diante das tentações. Na sua vida pública, narrada nos Evangelhos, encontra-se o relato dos discípulos e das primeiras comunidades. Jesus traduz o pão não apenas como alimento para o corpo, do qual o ser humano tem significativa necessidade, mas revela o alimento necessário, como o seguimento à Sua Palavra, a obediência ao Pai e a missão de curar, de libertar e especialmente de amar ao próximo. Jesus adverte que é preciso perdoar infinitamente para garantir a liberdade e para que prevaleça o Amor traduzido no perdão. Muitas opções e estilos de vida oferecidos ao povo do passado (e dos tempos atuais) não os levavam (e não os levam) ao compromisso com a partilha, com a compaixão, com o acolhimento e particularmente com a opção por seguir a Jesus. Então, o Mestre afirma que é preciso escolher entre a porta larga sem renúncias, mas que leva à perdição, e a porta estreita, deixar tudo para seguir a Jesus e garantir a vida. (Mt 7,13-14) Jesus viveu em profunda relação com o humano, seja em família seja na grande comunidade, na tentativa de levar o ser humano a compreender que o próprio Deus

viveu em comunidade na Trindade Santa. Portanto, a partir de seu santo exemplo, nossa vida não é para ser vivida de forma isolada, mas em contínua relação com o outro.

As grandes mudanças sociais e culturais ao longo dos séculos têm exigido uma atenção muito especial por parte da Igreja, dos teólogos e dos homens de fé, motivada pelo estabelecimento de um mundo secularizado, à elaboração e à compreensão de uma doutrina sobre Deus. Em nossa sociedade, percebe-se cada vez mais a busca pelo estilo de vida pessoal e independente, pelo ter em detrimento do ser, e a crescente desvalorização de instituições tidas antigamente como sólidas e respeitáveis para a formação do indivíduo, como a família e a escola.

Falar de Deus é falar do homem e das suas necessidades e realizações, por isso é possível afirmar que o testemunho de vida daqueles que vivem os valores do Reino de Deus, e com isso revelam o rosto de Deus, deixa transparecer Jesus e reconhecer verdadeiramente Deus, “o outro sempre maior”, no encontro com os irmãos pequeninos da América Latina. Ao contrário de uma sociedade que os exclui, que considera os pequeninos gente sem valor, para Jesus não é assim: ele ama, acolhe e se faz pequeno com os pequeninos e exige dos seus seguidores uma postura coerente com sua pregação. (Mt 25,31-46)

No poema *Meu Pai*, Murilo Mendes evoca a figura do pai carregada de um grau de um encantamento. As palavras do poeta revelam a importância que ele, o pai, teve como referência, como modelo e como motivador na sua vida e nas suas decisões. O encantamento brota especialmente do desprendimento e da disponibilidade do seu pai em colaborar com obras sociais para acolher os pobres, cuidar dos doentes, e dar-lhes “injeções de vida”.

Murilo fala do pai como um ser quase perfeito, pois de certo deveria ter defeitos como qualquer outra pessoa, mas a paixão que revela por um grande homem e, muito mais, por suas opções e atitudes o leva a uma profunda admiração.

Os escritos deixam entrever que o poeta herda do pai a sensibilidade, o respeito e o amor que move a dedicação ao próximo. Ao relembrar detalhes da história de seu pai, que provavelmente foram contados pela família, já que se referem a um período anterior ao

seu nascimento, Murilo destaca as qualidades que, na sua formação, ele mesmo tenta incorporar. Precisamos da poesia e da música para tocar no mistério de Deus, para fazer jus a ele; sendo assim, a poesia de Murilo diz o que a alma vive, o que o ser todo experimenta, e ele traduziu na pessoa do seu pai o que de Deus ele manifestava através de uma práxis. Para a Teologia, essa relação com Deus Pai é tida como mistério da fé, e se realiza efetivamente quando há no ser humano a disposição de despojar-se e deixar ser plenamente humano.

Acompanhar o Cristo

No seguimento de Jesus, Murilo Mendes se compreende como cristão católico. Para ele, viver a religiosidade e a mística é ser solidário aos ideais de libertação do povo oprimido⁷. A partir do seu grande desejo de mudança, destaca seu entendimento sobre a essência do papel dos teólogos. Na visão de Murilo:

Os teólogos têm justamente insistido na necessidade de acompanhar o Cristo nos seus sofrimentos, paixão e morte. Mas é também necessário acompanhá-lo nas suas alegrias – que não podemos, de resto, separar da sua paixão (...). (dE 598)

Acompanhar o Cristo, para o poeta, em seu catolicismo engajado e consciente, estava muito mais voltado para a interpelação de Cristo no rosto e na vida dos mais pobres e oprimidos. Murilo, que “apesar de ter nascido e vivido muito antes em que na América Latina se configurou a Teologia da libertação”,⁸ trazia em seus poemas a interlocução entre Cristo e a humanidade.⁹ Encantado com as palavras e com os gestos de Jesus, ele se permite questionar e até mesmo se considerar “Mau samaritano”.

⁷ SILVA, Francis Paulina Lopes In: *Aragem do Sagrado. Deus na Literatura brasileira contemporânea*. p. 120.

⁸ BINGEMER, Maria Clara. *A argila e o espírito. Ensaios sobre ética, mística e poética*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. pp. 134-135.

⁹ MENDES, Mendes. *O Cristo da pedra Fria e Cristo subterrâneo*.

Quantas vezes tenho passado perto de um doente,
Perto de um louco, de um triste, de um miserável,
Sem lhes dar uma palavra de consolo.
Eu bem sei que minha vida é ligada à dos outros,
Que outros precisam de mim, que preciso de Deus
Quantas criaturas terão esperado de mim
Apenas um olhar – que eu recusei.¹⁰

No evangelho de Lucas (Lc 17,21) Jesus disse aos seus discípulos que o Reino de Deus está próximo, e no mesmo evangelista encontramos outra expressão em que Jesus afirma que o Reino de Deus está no meio de vós (Lc 10,11). Na poesia muriliana, pode-se verificar a importância destas duas passagens do Evangelho. O poeta irá afirmar que O reino de Deus está em nós (dE 33), em sintonia com o apóstolo Paulo. Os seguidores de Jesus hoje, comprometidos com a mesma missão d'Ele de dar de comer a quem tem fome, dar de beber a quem tem sede, vestir os nus, acolher os estrangeiros, libertar os prisioneiros, dar vistas aos cegos, devem primeiramente estar dispostos a implantar o Reino de Deus de justiça e paz. O próprio Jesus, enquanto ensinava aos seus discípulos, explicou através de parábolas o Reino de Deus e o fez a partir da realidade e das necessidades do seu povo e do seu tempo: doentes, órfãos, mulheres e crianças, parte da sociedade excluída dos seus direitos sociais e religiosos, e mostrou a importância de cada pessoa assumir a concretização do “novo céu e da nova terra” (Is 65,17) no hoje e aqui da história. Jesus não se distanciou da vida e da caminhada do ser humano. Ele, Deus feito homem, sentiu as dores e as alegrias, caminhou com o povo, foi humilhado, perseguido, caluniado, assumiu sua cruz como sinal de entrega e de amor a Deus e à sua criação e ordenou: “Vá e faça a mesma coisa” (Lc 10,37).

A gritante realidade de pobreza e exploração na América Latina, acobertada por uma produção midiática que valoriza a religião do mercado, em que o consumo desenfreado procura mascarar a identidade de um povo, desvalorizando a pessoa e sua cultura, afronta a

¹⁰ MENDES, Murilo. *A poesia em pânico*. Rio de Janeiro: Cooperativa Cultural Guanabara, 1938. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/mu4.html>. Acesso em: 03.08.2013.

pastoral¹¹ que pretende acolher e acompanhar as pessoas nas suas mais diversas necessidades humanas, sociais e especialmente religiosas. Em um século marcado pelo individualismo, a Igreja Católica motiva seus fiéis a intensificar a vida em comunidade, e de forma integrada com as demais, ser “comunidades de comunidades”.

A pobreza não é desejo de Deus, pois impede de se viver dignamente; e a expressão de amor mais latente é viver a solidariedade em forma de protesto contra a pobreza. Como diz Paul Ricoeur, não se está realmente com os pobres senão lutando contra a pobreza.¹² Jesus falou do Reino de Deus, e um dos critérios para se entrar nesse Reino é o desprendimento dos apegos contra o espírito da pobreza evangélica.¹³ Nas “bem-aventuranças” (Mt 5,3) Jesus falou dos “pobres em espírito” e que o Reino dos céus pertence a eles. Os “pobres em espírito” estão de coração aberto, disponíveis para deixar tudo, para, na sua humildade, seguir a Jesus. Os pobres são a base teológica já que é neles, por eles e para eles que Deus se revela na história humana.¹⁴ Uma teologia a serviço da vida precisa estar atenta e disposta a cuidar de duas fomes: “uma de pão, que é saciável, e outra de beleza, insaciável”.¹⁵ A fome de pão não implica somente distribuir o alimento, pois “só podemos falar de libertação do pobre quando o pobre mesmo surge como sujeito principal de sua caminhada, mesmo apoiado por outros aliados”,¹⁶ a conseguir o alimento, o emprego, a casa e outros direitos.

A busca da beleza, também compreendida como “a busca do sentido da vida como exercício de liberdade”,¹⁷ transcende o olhar aparente e as palavras, para ecoar no interior de cada um, através do silêncio e da contemplação, o agir amoroso de Deus. Bingemer ressalta

¹¹ As pastorais são uma ação concreta de evangelização da Igreja do Brasil e na América Latina, contando com pessoas de boa vontade, comprometidas com o Evangelho de Jesus Cristo e chamadas a ser fermento na massa.

¹² GUTIERREZ, Gustavo. *Teologia da libertação*. p. 361.

¹³ Cat., 2544.

¹⁴ MANZATTO, Antonio. *Teologia e Literatura: reflexão teológica contida a partir dos romances de Jorge Amado*. p. 229.

¹⁵ ANJOS, Marcio Fabri dos. “et alli” (org.) *Teologia e novos paradigmas*. São Paulo: Edições Loyola, 1996. p. 81.

¹⁶ ANJOS, Marcio Fabri dos. “et alli” (org.) *Teologia e novos paradigmas*. p. 82.

¹⁷ BOGAZ, Antonio S. & COUTO, Marcio A. “et alli” (orgs.) *Vinho novo, odres velhos*. São Paulo: Edições Loyola, 200. p. 31.

que “graças à espiritualidade, a poesia entra no jogo inventivo do espírito e da beleza que se comunicam através das palavras”,¹⁸ assim a espiritualidade, área da teologia que estuda a relação do ser humano com Deus, terá sentido se guiar a pessoa para encontrar o belo em uma mística e em uma práxis, a partir de Jesus, através de uma maneira nova de se relacionar com Deus, experimentando os frutos de uma a espiritualidade que anima e motiva a vida cristã.¹⁹ *A Lumen gentium* convida-nos a buscar em Cristo o sentido mais profundo da pobreza cristã:

Como Cristo realizou a obra da redenção na pobreza e na perseguição, a Igreja é chamada a seguir pelo mesmo caminho para comunicar aos homens os frutos da salvação. Cristo Jesus “que era de condição divina... despojou-se de si próprio tomando a condição de escravo” (Fil. 2, 6-7) e por nós, “sendo rico, fez-se pobre”(2Cor 8,9): assim também a Igreja, embora necessite dos meios humanos para cumprir sua missão, não foi instituída para buscar a glória terrestre, mas para proclamar a humildade e a abnegação, também com o seu próprio exemplo.²⁰

Viver essa pobreza cristã é *Acompanhar o Cristo* desde a sua encarnação, que se realizou como um ato de amor para toda a humanidade em toda sua vida pública até o calvário, morte e ressurreição, como fazia Murilo Mendes, que procurou viver plenamente o cristianismo buscando inspiração no Cristo e em sua Palavra. Havia em Murilo um sentimento que o instigava a acompanhar a vida toda do Cristo. Essa exigência nasce de uma mística que o faz uma pessoa mais sensível aos apelos do homem e da mulher do seu tempo. Porque incomoda ver o sofrimento, a exclusão, doentes abandonados, enquanto cristãos deveriam estar comprometidos com a própria causa de Jesus Cristo. O poeta irá, ele mesmo, fazer a experiência de “acompanhar o Cristo” na cruz dos que sofrem, pois deseja ver uma sociedade mais justa e mais humana.

¹⁸ BINGEMER, Maria Clara. *A argila e o espírito. Ensaios sobre ética, mística e poética*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. p. 126.

¹⁹ MURAD, Afonso & MAÇANEIRO, Marcial. *A espiritualidade como caminho e mistério. Os novos paradigmas*. São Paulo: Edições Loyola, 1999. p. 15.

²⁰ LG, 8.

Morrer e ressuscitar com Cristo é vencer a morte e entrar em uma vida nova (Rm 6,6-11), na qual a cruz e a ressurreição selam nossa liberdade. Porém, os primeiros discípulos de Jesus tiveram dificuldades em compreender e aceitar a Cruz de Cristo. A rejeição se deu porque os discípulos entenderam a cruz como sinal de fracasso do homem em quem tinham colocado todas as suas esperanças de vida; na verdade demoraram a crer que até mesmo o Filho de Deus sofreria a tão humilhante morte de cruz. Na verdade, os discípulos representam todos aqueles que ignoram a cruz de Cristo, ou utilizam-se dela como meio de alcançar seus desejos imediatos, pois estarão “desvirtuando a cruz de Cristo” (1Cor 1,17) e por isso mesmo distorcendo o cristianismo.²¹ A cruz de Jesus é sinal de anúncio de felicidade somente para aqueles que conseguem enxergar nela a novidade do Reino de Deus, que se encontra na renúncia de bens e de satisfação pessoal.

Jesus, ao compreender sua missão como Filho de Deus, levava a Boa Notícia a todos. Porém, como seu anúncio exigia, para alguns, renunciar a farturas que acumulavam, estes não queriam deixar sua riqueza e seus excessos para seguir Jesus. Foram os pobres e marginalizados os que o compreenderam e se sentiram acolhidos pelas palavras e ações do Mestre. O seguimento no caminho de Jesus, porém mostrava-se exigente também para os pobres - que pouco possuíam para renunciar do ponto de vista material, mas, ainda assim lhes era exigido renunciar a outros “deuses” para servir a um só Deus. Essa decisão talvez não fosse também muito fácil para os mais pobres, que se encontravam subordinados ao poder vigente e eram seduzidos em troca de “pão e circo”, preservando a pobreza da maioria dos excluídos da época de Jesus e ao mesmo tempo se aproveitando dela. Pagola comenta que “colocar a cruz de Cristo no centro do cristianismo não significa centralizar o cristianismo no sofrimento, renunciando a toda busca de felicidade”.²² A cruz de Cristo exige renúncia a uma felicidade egoísta e aponta para uma realização do ser humano, exige compromisso com o bem e a felicidade do outro. Reduzir o sofrimento

²¹ PAGOLA, José Antonio. *É bom ter fé – uma teologia da esperança*. São Paulo: Edições Loyola, 1998. p. 66.

²² PAGOLA, José Antonio. *É bom ter fé – uma teologia da esperança*. p. 67.

provocado por um sistema de exploração, promover a dignidade humana, construir a paz e a justiça, acreditar e espalhar a alegria que nasce do encontro fraterno, acreditar na vida são compromissos de quem assume a cruz de Cristo, e devem estar certos de que não estarão privados de perseguição e sofrimento. A certeza da vitória sobre todo tipo de mal levou Paulo apóstolo a afirmar que “outra coisa não quero senão Jesus Crucificado e Ressuscitado” e é esta mesma certeza que anima homens e mulheres a “acompanhar os passos do Senhor Jesus”, da Encarnação à Morte, da Cruz à Vida, do humano ao Divino, das trevas à Luz, do sofrimento à alegria, como ressaltou Murilo, no lugar de se debruçar no sofrimento e esquecer-se de promover a vida de tantos que necessitam de uma Boa notícia em sua vida. Forte expressa a profundidade da experiência da cruz: “No silêncio da cruz, Deus fala. Na morte, a vida vence”.²³

À guisa de conclusão

A grande conquista do Concílio Vaticano II foi sem dúvida colocar no centro da vida da Igreja a Palavra que dá vida, juntamente com a consciência de que o povo unido em torno da Palavra e da Eucaristia é a força viva da Igreja. Para Altemeyer, “o Evangelho torna-se um alimento diário e familiar de todo o povo de Deus, torna-se palavra viva e uma porta de diálogo para penetrar nos segredos de Deus”.²⁴ Conhecer a Palavra de Deus desperta na comunidade reunida “o compromisso de uma Igreja consciente da necessidade de proclamar e construir uma paz baseada na justiça para todos, especialmente para aqueles que hoje mais sofrem”.²⁵ Neste sentido, torna-se imperativa a ação de levar a Palavra a todos, como afirma a Encíclica *Fides et Ratio*, do Santo João Paulo II: “A Palavra de Deus não se destina apenas a um povo ou só a uma época”.²⁶ É fundamental compreender que Deus

²³ FORTE, Bruno. *Teologia em diálogo. Para quem quer saber e para quem não quer saber nada disso*. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p.76.

²⁴ JUNIOR, Fernando Altemeyer. *Concílio Vaticano II*. Disponível em: <http://familiacrista.org.br/blog/3316.html>. edição Julho/2013. Acesso em: 26.07.2013.

²⁵ GUTIERREZ, Gustavo. *Teologia da libertação*. p. 39.

²⁶ FR, 95.

não se limita ao tempo e espaço estabelecido pelo humano, mas ele é presença em cada pessoa.

Torna-se boa a teologia que se alimenta da Palavra da Salvação, a escuta, nela crê e nela vive. Quando esta teologia se apresenta de forma compreensível e próxima das pessoas, deixa de ser interesse exclusivo dos acadêmicos, deixa de ser “patrimônio” das universidades; e ao chegar às mãos e ao coração do povo, “deixa” Deus comunicar a sua Boa Notícia a todos e saciar a fome de Deus e da sua Palavra.

A Palavra de Deus que desentranhada em forma de poesia e prosa nas obras de Murilo Mendes demonstrou um homem muito mais que convertido: um apaixonado por Cristo. É esta necessidade que se impõe para a Teologia hoje: contribuir para que seja apaixonante descobrir Deus, seguir Jesus, buscar a justiça, o amor ao próximo e amar a vida e a criação como dom de Deus. Se assim for, esse seguimento e amor poderão se traduzir em gestos de partilha e solidariedade.

Bibliografia

- ANJOS, Marcio Fabri dos. *et alii* (org.) *Teologia e novos paradigmas*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- BINGEMER, Maria Clara. *A argila e o espírito. Ensaios sobre ética, mística e poética*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- BOGAZ, Antonio S. & COUTO, Marcio A. *et alii* (orgs.) *Vinho novo, odres velhos*. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- Dei Verbum, Compêndio do Concílio Vaticano II.
- Fides et Ratio, Papa João Paulo II.
- FORTE, Bruno. *Teologia em diálogo. Para quem quer saber e para quem não quer saber nada disso*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- GUTIERREZ, Gustavo. *Teologia da libertação*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- JUNIOR, Fernando Altemeyer. *Concílio Vaticano II*. Disponível em: <http://familiacrista.org.br/blog/3316.html>. edição Julho/2013. Acesso em: 26.07.2013.
- LIBANIO, João Batista. *Concílio Vaticano II - Em busca de uma primeira compreensão*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- MANZATTO, Antonio. *Teologia e Literatura: reflexão teológica contida a partir dos romances de Jorge Amado*. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

MENDES, Murilo. *A idade do serrote*. 1968.

_____. *O discípulo de Emaús*. 1945.

MURAD, Afonso & MAÇANEIRO, Marcial. *A espiritualidade como caminho e mistério. Os novos paradigmas*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

PAGOLA, José Antonio. *É bom ter fé – uma teologia da esperança*. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

SILVA, Francis Paulina Lopes In: *Aragem do Sagrado. Deus na Literatura brasileira contemporânea*. São Paulo, Edições Loyola, 2011.